

DIÁLOGOS DIALÉTICOS: ANTONIO CANDIDO E MIKHAIL BAKHTIN

*William Roberto Cereja**

RESUMO: *A obra de Antonio Candido é reconhecida como uma das mais importantes no cenário da historiografia e da crítica literária nacional e latino-americana. Os escritos de Bakhtin, por sua vez, desde o final da década de 1970 vêm conquistando um número enorme de pesquisadores das ciências humanas, seja no campo da Lingüística e da Análise do Discurso, seja no campo da Teoria Literária. Quando produziram a parte mais importante de suas obras, provavelmente um não conhecia o trabalho do outro. Apesar disso, são muitos os pontos de contato entre as idéias dos dois intelectuais, principalmente quanto ao modo como pensam a literatura em relação ao contexto de produção. Este artigo aproxima a obra de Candido e a de Bakhtin, procurando mostrar em que aspectos elas se tocam e se distanciam.*

PALAVRAS-CHAVE: *literatura; dialética; sociologia da cultura.*

A pesar de Antonio Candido (1918-) e Mikhail Bakhtin (1895-1975) terem vivido boa parte de suas vidas no século XX, escreveram em línguas e países diferentes e o mais provável é que um não tivesse conhecimento da obra do outro nos momentos decisivos de sua produção intelectual. Antonio Candido, duas décadas mais jovem que Bakhtin, escreveu seus trabalhos mais importantes entre as décadas de 1940 e 1960, tornando-se no Brasil e em outras partes da América Latina uma das principais referências de nossa historiografia e crítica literárias. Como a mai-

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP. Doutorando.

or parte dos intelectuais brasileiros, deve ter tido contato com a obra de Bakhtin apenas a partir da década de 1970, quando os estudos de Kristeva, na França, chamaram a atenção sobre a importância da obra bakhtiniana para os estudos literários. Mas também é possível que Candido tenha tomado conhecimento da obra de Bakhtin por meio de Boris Schnaidermann - um dos principais divulgadores da obra do pensador russo Bakhtin no Brasil - já que ambos, na década de 1970, eram colegas no departamento de Teoria Literária da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, onde lecionavam.

Antonio Candido é responsável pela teoria da "literatura como sistema", formulada na Introdução de sua obra mais importante, a *Formação da literatura brasileira* (1959), referência obrigatória para os estudiosos de literatura no Brasil nas décadas seguintes e ainda nos dias de hoje. Para ele, determinada cultura só possui um sistema literário efetivo quando existe uma *relação orgânica* entre as obras desse sistema, isto é, quando elas são ligadas por certos elementos que estão para além das afinidades temáticas, lingüísticas e imagéticas. São eles:

[...] a existência de um *conjunto de produtores literários*, mais ou menos conscientes do seu papel; um *conjunto de receptores*, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um *mecanismo transmissor* (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. (Candido, 1975, p. 30. Grifo nosso.)

Candido alinha-se, pois, ao grupo dos historiadores e críticos brasileiros de abordagem sociológica da literatura, cujo paradigma é a obra de Sílvio Romero. Porém, diferentemente de seus antecessores, que compreendiam a literatura como mero documento da sociedade brasileira ou como decalque das relações socioeconômicas, Candido a vê como um sistema mediado por outro sistema maior, o da cultura. Das complexas relações entre literatura e sociedade, entre literatura e outras artes e áreas do

conhecimento, entre escritor e público, entre forma e conteúdo, é que o crítico constrói seu método dialético de análise, olhando para as relações existentes entre os *elementos internos* e os *elementos externos* da obra literária.

Bakhtin, embora seja reconhecido na Teoria Literária por sua importante contribuição sobre a teoria do romance, em especial sobre o conceito de *romance polifônico* criado a partir da obra de Dostoiévski, ou por seus estudos sobre a obra de Rabelais, nos quais criou o conceito de *carnavalização*, hoje difundido em diferentes áreas da arte e da cultura, foi na verdade um pensador de fronteiras amplas, cuja produção intelectual deixou contribuições decisivas nos campos da Lingüística, da Análise do Discurso, da Estética, da Sociologia da Arte e da Filosofia.

Diferentemente de Antonio Candido, que reúne conhecimentos das mais diferentes áreas - sociologia, história da literatura, crítica literária, psicologia, filosofia, direito, entre outras - para lidar com o texto literário, Bakhtin parece preferir um caminho diferente: utiliza o texto literário para formular e aplicar certos conceitos que servem não apenas para iluminar algumas questões teóricas específicas da literatura, mas também para participar do debate sobre os grandes temas de sua época, provenientes de diferentes áreas do conhecimento, entre eles a concepção saussureana de língua, o formalismo proposto pelos formalistas russos, a concepção de inconsciente proposta por Freud, certo tipo de marxismo aplicado à análise das obras de arte, que resultaria nas idéias do realismo socialista, e assim por diante.

O conceito de *dialogismo*, por exemplo, desenvolvido a partir de seus estudos de filosofia da linguagem, vem sendo utilizado, neste início do século XXI, em diferentes campos da pesquisa científica, o que permite situar a obra do pensador russo, como lembra Marília Amorim (2001), não na esfera restrita dos estudos de linguagem, mas no âmbito das Ciências Humanas, já que em todas as disciplinas dessa área é indispensável a noção de alteridade.

[...] nossa primeira hipótese é de que é em torno dessa questão [a alteridade] que, em grande parte, se organiza a produção de conhecimentos.

Não há trabalho de campo que não vise ao encontro com um *outro*, que não busque um interlocutor. Também não há escrita de pesquisa que não se coloque o problema do lugar do *outro*. (Amorim, 2001, p. 15-16.)

Além disso, mesmo lidando com noções diretamente relacionadas com os estudos de linguagem, Bakhtin nunca deixou de pensá-los numa dimensão mais ampla como a das Ciências Humanas. Veja-se, por exemplo, o modo como ele pensa o *texto*:

As ciências humanas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, referem-se ao homem em sua especificidade. O homem tem a especificidade de expressar-se sempre (falar), ou seja, de criar um texto (ainda que potencial). Quando o homem é estudado fora do texto e independentemente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humanas, etc.). (Bakhtin, 1997, p. 334.)

Comparando as obras de Antonio Candido e Mikhail Bakhtin, nota-se que, apesar das diferenças de contexto e de foco, há vários pontos de contato entre o pensamento dos dois intelectuais no que se refere ao modo como vêem a literatura. Primeiramente, vale ressaltar o interesse de ambos pelas questões relacionadas com a filologia. Não a filologia do ponto de vista estritamente lingüístico, mas da crítica filológica, que, entre outras coisas, se interessa pela origem e pela evolução de determinadas formas e gêneros literários.

Em *Formação da literatura brasileira*, por exemplo, Candido manifestou particular interesse pelo surgimento do romance de formação no Romantismo brasileiro. No conhecido ensaio "Dialética da malandragem", dá mostras mais uma vez de seu interesse pela gênese dos gêneros da prosa ficcional, contrastando as *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, com a tradição da novela pica-

resca espanhola. Outro dado menor, mas não sem importância, são as referências teóricas de Candido que, além de nutrir uma grande admiração pelo trabalho historiográfico e crítico de Silvio Romero - tido como seu mestre - sofreu outra forte influência da perspectiva crítica de Erich Auerbach, cuja obra reúne elementos da História e da Filologia.¹

Bakhtin, por sua vez, é conhecido pelo interesse e pela profundidade que empreendeu à pesquisa dos gêneros da literatura. Partindo de estudos da sátira menipéia e do diálogo socrático, por exemplo, o escritor russo formulou uma importante teoria sobre a tradição do riso na cultura ocidental, procurando discutir de que modo essa tradição, somada aos gêneros orais, resultou no romance de Rabelais, no fim da Idade Média. Interessado no romance como gênero, Bakhtin chegou até a formular uma tipologia histórica do romance, criando categorias como *romance de viagem*, *romance de provas*, *romance barroco* (com desdobramentos em *romance heróico de aventuras* e *romance sentimental patético psicológico*), *romance polifônico*, etc.

Outra semelhança entre Antonio Candido e Bakhtin é o lugar de onde falam e com quem falam. Bakhtin, na década de 1920, falava tanto com os formalistas russos quanto com os defensores do “método sociológico” de análise literária, representados na Rússia, naquele momento, principalmente por Sakúlin. Para Bakhtin, a literatura não podia ser tratada dicotomicamente, como vinha ocorrendo: de um lado a “poética teórica e histórica e seus métodos especiais”; de outro lado, o “método sociológico”, que não conseguia ir além das relações entre a obra e o meio.

¹ Em *O seqüestro do Barroco na formação da literatura brasileira* (1989), Haroldo de Campos contesta a afirmação feita por Antonio Candido na introdução à *Formação da literatura brasileira*, segundo a qual Gregório de Matos não teria existido literariamente em perspectiva histórica até o Romantismo (seus poemas não tinham sido publicados nem eram conhecidos até a compilação feita por Varnhagen no século XIX, embora tivessem permanecido na tradição local da Bahia), e por isso o poeta baiano pouco teria contribuído para a formação de nossa literatura.

Em “Discurso na vida e discurso na arte” (1926), Bakhtin/Voloshinov abordam embrionariamente vários dos temas que seriam desenvolvidos nas obras publicadas posteriormente pelo círculo bakhtiniano, ou especificamente por Bakhtin, entre eles a relação entre o discurso e a situação extraverbal; as questões que envolvem a autoria e a recepção da obra de arte; a relação entre material, forma e conteúdo nas obras de arte; a avaliação apreciativa dos enunciados e da obra de arte; o papel da entonação na construção do sentido dos enunciados; a relação entre consciência e ideologia. Contudo, a tese principal que o pensador russo pretende provar nesse texto é que, da mesma forma que o discurso, na vida, deve ser pensado tanto em seus aspectos lingüísticos essenciais (seleção lexical, disposição sintática, modalizações, entonação, etc.) quanto nos aspectos extralingüísticos (interlocutores envolvidos, tempo e lugar, conhecimento prévio dos interlocutores sobre o tema do enunciado, etc.) o discurso, na arte, deve ser igualmente pensado com perspectiva dupla, isto é, levando-se em conta tanto os aspectos que dizem respeito à fatura propriamente dita do objeto artístico quanto as relações entre essa fatura e sua situação de produção.

Também chama a atenção, nesse texto, o enfoque dado por Bakhtin ao texto literário, visto também como *discurso verbal*. Discurso, pelo ponto de vista do autor, é um fenômeno de comunicação cultural que “não pode ser compreendido independentemente da situação social que o engendra, pois participa do fluxo social e se envolve em processos de interação, de troca, com outras formas de comunicação” (Brait, 1999, p. 18). Visto por essa perspectiva, o texto literário se abre para os estudos de linguagem em geral, saindo da esfera restrita da teoria, da crítica e da historiografia literárias.

No Brasil, na década de 1950, Candido também falava, na Introdução à sua *Formação da literatura brasileira*, por um lado, aos defensores da autonomia da obra de arte, conhecida como crítica imanente, e, por outro lado, à crítica sociológica, de base

positivista ou marxista. Apontava a “confusão entre formalismo e estética” e garantia que estética “não prescinde do conhecimento da realidade humana, psíquica e social, que anima as obras e recebe do escritor a forma adequada” e concluía que “aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la, é correr o risco de uma perigosa simplificação causal”. (Candido, 1975, p. 13 e 30.)

Na década de 1960, Candido publica alguns textos com a finalidade de aprofundar certos pontos da discussão teórica encetada na *Formação*, como “O escritor e o público”, “Crítica e sociologia” e “Literatura e vida social”, ensaios que se tornaram paradigmas dos estudos literários nas universidades brasileiras nas décadas seguintes e que, juntamente com outros, foram reunidos e publicados na obra *Literatura e sociedade* (1965). Em “Crítica e sociologia”, o crítico retoma a conhecida oposição entre formalismo e abordagem sociológica do texto literário, indo na mesma direção de Bakhtin:

De fato, antes se procurava mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (Candido, 1980, p. 4.)

Outro aspecto a considerar quanto à semelhança entre os dois intelectuais é a visão que ambos têm das relações entre literatura e

cultura. Para Antonio Candido, uma das forças que atuam na formação do sistema literário é a continuidade literária ou a *tradição*, que o autor compara à “transmissão da tocha entre corredores”. Para ele, a transmissão dessa tocha forma “padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, [...] aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de civilização”. (Candido, 1975, p. 24.)

A visão de literatura do autor é, portanto, nitidamente culturalista e dinâmica. Culturalista, porque situa a literatura no âmbito das expressões simbólicas - o “mecanismo transmissor” de que fala o autor em sua teoria de literatura como sistema - e a vê como um fenômeno constitutivo da civilização. Dinâmica, porque resulta da confluência de várias forças - culturais, estéticas, sociais, lingüísticas, históricas - e da influência da própria tradição literária, que implica uma concepção não necessariamente linear e cumulativa de tempo.

Bakhtin, igualmente, situa a literatura como parte da cultura:

A ciência literária deve, acima de tudo, estreitar seu vínculo com a história da cultura. A literatura é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa dada época. Não se pode separar a literatura do resto da cultura e, passando por cima da cultura, relacioná-la diretamente com os fatores socioeconômicos, como é prática corrente. (Bakhtin, 1997, p. 362.)

E, da mesma forma que Candido, Bakhtin entende que a arte é um fenômeno social cuja fatura (elementos internos) está diretamente relacionada com a situação de produção (elementos externos). Comparemos as posições de ambos:

A arte, também, é imanentemente social. O meio social extra-artístico, afetando de fora a arte, encontra resposta direta e intrínseca dentro dela. Não se trata de um elemento estranho afetando outro, mas de uma formação social, o *estético*, tal como o jurídico ou o cognitivo, é *apenas uma variedade do*

social. A teoria da arte, conseqüentemente, só pode ser uma *sociologia da arte*. Nenhuma tarefa “imane[n]te” resta neste campo. (Bakhtin, 1926, p. 2.)

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas [a formalista e a sociológica]. [...] Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (Candido, 1980, p. 4.)

E ainda:

A vida, portanto, não afeta um enunciado de fora; ela penetra e exerce influência num enunciado de dentro, enquanto unidade e comunhão da existência que circunda os falantes e unidade e comunhão de julgamentos de valor essencialmente sociais. [...] A enunciação está na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal [...]. (Bakhtin, 1926, p. 9.)

Quando isto se dá [considerar os aspectos internos e externos simultaneamente], ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, lingüísticos e outros. (Candido, 1980, p. 7.)

Ambos os teóricos, cada um no seu espaço de atuação, puseram em prática seu método de análise em estudos que se tornaram paradigmas dentro da visão dialética da literatura e da cultura. Candido, por exemplo, em análise do romance *Senhora*, de José de Alencar, vê a obra não apenas como um objeto cultural que denuncia as relações de interesse que regiam os casamentos da sociedade fluminense na metade do século XIX, mas também a vê internamente, isto é, observa de que modo o desmascaramento dessa prática social é *representado* esteticamente na obra, sob a forma da tensão moral que rege o andamento da narrativa.

Da mesma forma, são conhecidos os estudos de Bakhtin sobre a obra de Rabelais, nos quais o autor observa em que medida a luta entre a cultura medieval oficial e a cultura popular, própria do final da Idade Média (elementos externos), se relaciona com os elementos internos da obra, tais como seleção vocabular, imagens, incorporação do grotesco e do rebaixamento, do riso e das festas populares.

Outro ponto comum entre as obras de Bakhtin e Candido é a concepção que apresentam quanto à relação entre a obra e o público na temporalidade. Para Bakhtin, a obra não pode ser considerada apenas no âmbito daquilo que se chama *contemporaneidade*. Diz ele:

As obras rompem as fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na *grande temporalidade* e, assim, não é raro que essa vida (o que sempre sucede com uma grande obra) seja mais intensa e mais plena do que nos tempos de sua contemporaneidade. [...] Ora, muitas vezes a obra aumenta em importância mais tarde, ou seja, insere-se na *grande temporalidade*. Uma obra não pode viver nos séculos futuros se não se nutriu dos séculos passados. Se ela nascesse por inteiro hoje (em sua contemporaneidade), se não mergulhasse no passado e não fosse consubstancialmente ligada a ele, não poderia viver no futuro. Tudo quanto pertence somente ao presente morre junto com ele. (Bakhtin, 1997, p. 364.)

A posição de Antonio Candido a respeito desse aspecto não é diferente, embora não tão claramente explícita. É justamente vinculada a essa concepção de historicidade que se situa a conhecida polêmica que Haroldo de Campos (1989) empreendeu contra o ponto de vista de Candido a respeito da importância de Gregório de Matos para a formação da literatura brasileira¹. Apesar disso, Candido nunca teve uma visão histórica fechada ou uma percepção restrita sobre o poder de ação e as esferas de recepção da obra literária. Quando escreveu a *Formação da literatura brasileira*, seu objetivo não era, como lembra Lajolo (2003), fazer uma história completa da literatura brasileira, mas tão somente enfocar os momentos decisivos de sua formação, como o próprio título da obra sugere. Por essa razão, despreza tanto a produ-

ção anterior ao século XVIII quanto a posterior ao Romantismo, pelo fato de entender que essas produções não teriam participado dos momentos decisivos da formação de nossa literatura.

Além disso, o conjunto da produção crítica de Candido sempre apontou para uma visão aberta e dinâmica da literatura, na qual a *tradição* não apenas é reconhecida, mas também considerada como elemento constitutivo do conceito de *sistema literário*.

Em sua produção mais recente, *Iniciação à literatura brasileira (Resumo para principiantes)*, Candido retomou esse conceito e desenvolveu-o com alguns aspectos novos ou não explicitados anteriormente:

Entendo aqui por *sistema* a articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular: *autores* formando um conjunto virtual, e veículos que permitem o seu relacionamento, definindo uma “vida literária”; *públicos* restritos ou amplos, capazes de ler ou ouvir as obras, permitindo com isso que elas circulem e atuem; *tradição*, que é o reconhecimento de obras e autores precedentes, funcionando como exemplo ou justificativa daquilo que se quer fazer, mesmo que seja para rejeitar. (Candido, 1998, p. 13.)

Como se vê, nesse texto, escrito quatro décadas depois da *Formação*, há o reconhecimento tanto da importância da transmissão oral quanto a força da tradição são contempladas na retomada do conceito, quatro décadas depois. No plano concreto de análise, alguns de seus trabalhos, como o ensaio sobre *Memórias de um sargento de milícias* - no qual aborda a presença do pícaro na tradição literária ocidental, fazendo aproximações e contrastes da obra de Almeida tanto com a novela picaresca espanhola quanto com a rapsódia Macunaíma, de Mário de Andrade - dão mostras claras de uma visão aberta e dinâmica da literatura, considerada em seu contexto de produção e em diferentes contextos de recepção.

Alfredo Bosi, sem mencionar explicitamente a polêmica de Haroldo de Campos com Antonio Candido, indiretamente defende

o segundo ao lembrar que a perspectiva cultural de Candido implica uma noção não seqüencial e cumulativa de tempo. Diz Bosi:

Quem diz cultura diz processo temporal em toda a extensão e compreensão do termo “tempo”. A cultura, diferentemente da infra-estrutura material, pode, sempre que estimulada, entreter relações vivas e estreitas com o *passado*, mesmo o mais remoto, graças ao dinamismo da memória, e com o *futuro*, que já existe no desejo e na imaginação.

São relações às vezes dramáticas de atração e repulsão entre o presente e o passado, entre o presente e o futuro, que marcam o ritmo afetivo e intelectual dos produtores de símbolos. [...] (Bosi, 2000, p. 30.)

Como se nota, são claras as afinidades teóricas e a proximidade ideológica entre Antonio Candido e Mikhail Bakhtin. Contudo, também há diferenças que podem ser explicadas pelo percurso intelectual de cada um. Candido desde cedo manifestou interesse pela filologia e pela historiografia literária, esta fruto da primeira. Como sociólogo, nutria forte admiração por Sílvio Romero, a quem considerava mestre e cuja obra tomaria como objeto de exegese crítica, num misto de homenagem e desafio pessoal de superação. Além disso, pretendia chegar, com a *Formação da literatura brasileira*, a uma síntese da histórica dicotomia entre a abordagem estética e a abordagem positivista da literatura.

Marisa Lajolo lembra que os anos 1950, quando ocorreu a publicação da *Formação da literatura brasileira*, foram marcados pelo lançamento de obras importantes no cenário cultural brasileiro e internacional. No Brasil, destacam-se *História de la literatura brasileira (prosa de ficção: 1870-1920)* (1950), de Lúcia Miguel Pereira; *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* (1951), de Otto Maria Carpeaux; *A crítica literária no Brasil* (1952), de Wilson Martins; *História da literatura brasileira (séculos XVI-XX)* (1954), de Soares Amora; *A literatura no Brasil (1955-1959)*, de Afrânio Coutinho; e *Introdução à literatura brasileira (1956)*, de Alceu Amo-

roso Lima - todas elas de alguma forma abordando o “tema da brasilidade” e combinando bem “com um currículo de letras que formata os estudos literários pela tradição da historiografia literária, recortando em nacionalidades os estudos de literatura” (Lajolo, 2003. p. 52.). Esse era, portanto, o contexto cultural e literário no qual se situava a publicação da *Formação*, de Candido, que com essa obra participava do grande debate em torno da nacionalidade e ao mesmo tempo buscava caminhos novos no campo da historiografia literária.

Bakhtin, por sua vez, nunca se interessou pela historiografia literária, embora reunisse condições para isso, em virtude de sua ampla formação cultural, com conhecimento de literaturas de diferentes línguas. Desde cedo, seu trabalho se orientou no sentido de desatar certos “nós” teóricos no campo dos estudos da linguagem e da literatura. Seu horizonte era, portanto, mais largo do que o de Candido, o que não diminui em nada a atuação do crítico brasileiro.

Apesar da proximidade teórica entre Candido e Bakhtin, ela ainda é pouco conhecida e difundida, e não é difícil compreender as razões desse fato. Quando a obra de Bakhtin começou a ser traduzida e divulgada no Brasil, no final da década de 1970, vivia-se o auge do estruturalismo na Lingüística e do imanentismo na Teoria Literária. Além disso, o primeiro livro desse autor traduzido entre nós foi *Marxismo e filosofia da linguagem* (1979), que não aborda especificamente questões ligadas à literatura.

Apesar disso, as idéias dos dois escritores têm marcado profundamente os estudos de literatura no país. Antonio Candido é uma referência obrigatória para a historiografia e a crítica literárias e para os estudos de literatura nas instituições de ensino brasileiras, seja em nível médio, seja em nível superior. Além disso, seus escritos também se situam nos estudos de cultura latino-americana em geral, como atesta a edição da obra organizada por Jorge Ruedas de la Serna (2003), publicada no Brasil e no México. Os escritos de Bakhtin, por sua vez, deram um impulso decisivo tanto

para a Teoria Literária quanto para a Análise do Discurso e vêm influenciando produções recentes de outras áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Psicanálise, a Fonoaudiologia e a Antropologia, entre outras.

Embora as obras desses autores não tenham dialogado diretamente entre si, dialogaram, cada uma a seu modo e em seu tempo, praticamente com os mesmos temas e interlocutores. Aproximá-los é uma tarefa que não apenas permite aprofundar certo ponto de vista sobre a literatura - que tem sido chamado de "sociologia da cultura" - mas também penetrar numa das discussões mais importantes da crítica e da historiografia literárias do século XX, e ainda não superada: a autonomia ou a contigüidade da obra de arte em relação ao contexto sociocultural.

ABSTRACT: *Antonio Candido's work is considered one of the most important ones in the field both of Literary Historiography and Literary Criticism both in Brazil and Latin America. Bakhtin's writings, on their turn, has had since the end of the 1970's a profound influence on a great many researchers in the field of human sciences as a whole, from Linguistics proper to Discourse Analysis and Literary Theory. These authors presumably produced the most important part of their work without knowing about each other findings. Nevertheless, there are many points of contact linking the ideas of these two thinkers, mainly as regards the way they understand the relations between literary works and their context of production. This paper compares the chief aspects of Candido's and Bakhtin's work in an effort to show how they resemble each other and how they differ one from the other.*

KEYWORDS: *literature; dialectics; sociology of culture.*

BIBLIOGRAFIA

- MORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro*. São Paulo: Musa Editora, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- _____. Discurso na vida e discurso na arte, 1926. (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza a partir da tradução de R. Titunik ("Discourse in life and discourse in art - concerning sociological poetics") publicada em V. N. Voloshinov, *Freudism*, New York. Academic Press, 1976.
- _____. "O problema do texto". (1979). Em: *Estética da criação verbal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BOSI, Alfredo. "Por um historicismo renovado". Em: *Teresa: revista de Literatura Brasileira*, nº 1. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 9-47.
- BRAIT, Beth. "As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso". Em: BARROS, Diana L.P. e FIORIN, J. L. (org.) *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1999.)
- CAMPOS, Haroldo. *O seqüestro do Barroco na formação da literatura brasileira*. 2ª ed. Salvador: FCJA, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 5ª ed. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.
- _____. *Literatura e sociedade*. 6ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1980.
- _____. *Iniciação à literatura brasileira (Resumo para principiantes)*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas, 1998.
- LAJOLO, Marisa. "A leitura na formação da literatura brasileira de Antonio Candido". Em: SERNA, Jorge Ruedas (org.). *História e literatura: homenagem a Antonio Candido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Fundação Memorial da América Latina: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003. p. 51-75.
- SERNA, Jorge Ruedas (org.). *História e literatura: homenagem a Antonio Candido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Fundação Memorial da América Latina: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.